**Manchete:** A sufocante ocupação da Palestina se desdobra em uma série de crimes de guerra

**Sumário:** As mortes de civis em Gaza, que já são escandalosamente altas devido ao bombardeio descontrolado de Israel, serão inimagináveis durante a guerra terrestre.

Por Vijay Prashad

**Biografia do autor:** Este artigo foi produzido para a [Globetrotter](https://globetrotter.media/) e traduzido por Pedro Marin para a [Revista Opera](https://revistaopera.com.br/). Vijay Prashad é um historiador, editor e jornalista indiano. É membro da redação e correspondente-chefe da Globetrotter. É editor-chefe da [LeftWord Books](https://mayday.leftword.com/) e diretor do [Instituto Tricontinental de Investigação Social](https://thetricontinental.org/es/). É autor de mais de 20 livros, entre eles [*The Darker Nations*](https://smile.amazon.com/Darker-Nations-Peoples-History-Third/dp/1595583424/?tag=alternorg08-20) e [*The Poorer Nations*](https://smile.amazon.com/Poorer-Nations-Possible-History-Global/dp/1781681589/?tag=alternorg08-20). Seus últimos livros são [*Struggle Makes Us Human: Learning from Movements for Socialism*](https://www.haymarketbooks.org/books/1869-struggle-makes-us-human) e [*The Withdrawal: Iraq, Libya, Afghanistan, and the Fragility of U.S. Power*](https://thenewpress.com/books/withdrawal) (com Noam Chomsky).

**Fonte:** Globetrotter

**Rótulos:** Oriente Médio/Israel, Oriente Médio/Palestina, Guerra, América do Norte/Estados Unidos, Biden, Europa/Rússia, Nações Unidas, Oriente Médio/Iraque, Curto prazo

**[Corpo do artigo:]**

No dia 24 de outubro, tornou-se claro para a Organização das Nações Unidas (ONU) que o bombardeio contínuo de Gaza – que já havia matado 6.500 pessoas (incluindo pelo menos 35 funcionários da ONU) – havia tornado essa parte da Palestina insustentável para a vida humana. Mais de dois milhões de pessoas vivem nessa pequena porção de terra no Mar Mediterrâneo. Desde 1948, os refugiados que vivem aqui contam com a assistência da ONU, que criou uma agência inteira (UNRWA) em 1949 para esse propósito. O Secretário Geral da ONU, António Guterres, [disse](https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2023-10-24/secretary-generals-remarks-the-security-council-the-middle-east%C2%A0) ao Conselho de Segurança da ONU que dentro de alguns dias a organização ficará sem combustível para seus caminhões, que transportam o mínimo de ajuda que chega a Gaza vindo do Egito para auxiliar os 660 mil palestinos que fugiram de suas casas para chegar aos complexos da ONU em Gaza. Os caminhões transportam “uma gota de ajuda em um oceano de necessidades”, disse Guterres. “O povo de Gaza precisa de ajuda contínua em um nível que corresponda às enormes necessidades. Essa ajuda deve ser entregue sem restrições”.

A declaração de Guterres, feita com uma voz calma, no entanto, se afastou do sentimento de desconsideração que caracteriza as declarações dos líderes europeus e norte-americanos – muitos dos quais correram para Tel Aviv para ficar ao lado do primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu e prometer seu apoio total a Israel. A história é importante. Guterres disse que os problemas que agora afligem os palestinos de Gaza não começaram em 7 de outubro, quando o Hamas e outras facções palestinas romperam a barreira de segurança do apartheid e atacaram os assentamentos que fazem fronteira com Gaza. Sua declaração sobre a situação nas últimas décadas é factual, baseada em milhares de páginas de relatórios e resoluções da ONU: “É importante também reconhecer que os ataques do Hamas não aconteceram em um vácuo. O povo palestino foi submetido a 56 anos de uma ocupação sufocante. Eles viram suas terras serem constantemente devoradas por assentamentos e assoladas pela violência; sua economia foi sufocada; seu povo foi deslocado e suas casas demolidas. Suas esperanças de uma solução política para sua situação estão desaparecendo”. A imagem da “ocupação sufocante” é totalmente precisa.

Depois que Guterres fez essas observações, as autoridades israelenses – como que por impulso – [exigiram](https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67215620) a renúncia do Secretário-Geral da ONU. O representante permanente de Israel na ONU, Gilad Erdan, acusou Guterres – de forma absurda – de “justificar o terrorismo”. Dizendo que Guterres “mais uma vez distorce e distorce a realidade”, Erdan observou que seu governo [não permitiria](https://www.aljazeera.com/news/2023/10/25/israel-to-refuse-visas-to-un-officials-after-guterres-speech-on-gaza-war) que o chefe de ajuda humanitária da ONU, Martin Griffiths, cruzasse a fronteira de Rafah com Gaza para supervisionar a distribuição de auxílio. “Em que mundo você vive?”, perguntou o Ministro das Relações Exteriores de Israel, Eli Cohen, a Guterres. Enquanto isso, no Conselho de Segurança da ONU, os Estados Unidos vetaram resoluções para um cessar-fogo, enquanto a China e a Rússia vetaram uma resolução dos EUA que dizia que Israel tinha o direito de se defender e que o Irã deveria interromper suas exportações de armas. Os Estados Unidos politizaram profundamente a atmosfera na ONU, usando suas próprias resoluções para angariar apoio – sem sucesso – para Israel, enquanto atacavam os palestinos (e, de maneira bizarra, o Irã) no processo.

**Não há nada de neutro nos Estados Unidos**

Os Estados Unidos nunca foram um árbitro imparcial na região, dada a sua estreita ligação com Israel desde, pelo menos, a década de 1960. Bilhões de dólares em armas vendidas a Israel, bilhões de dólares em ajuda a Israel e declarações esporádicas a favor de Israel definiram o relacionamento entre Washington e Tel Aviv. Durante todas as negociações entre palestinos e israelenses, os Estados Unidos fizeram um jogo de duplicidade: fingiram ser neutros, mas, na verdade, usaram seu imenso poder para neutralizar os palestinos e fortalecer Israel. Os Acordos de Oslo, que levaram à criação de um bantustão impotente administrado pela Autoridade Palestina, foram negociados com os Estados Unidos com suas mãos na caneta. Oslo levou à criação de um processo que resultou no desgaste do controle palestino sobre Jerusalém Oriental e a Cisjordânia, bem como no estrangulamento dos palestinos em Gaza – tudo isso combinado é a “ocupação sufocante” de que Guterres falou.

Desde 2007, quando as tropas israelenses deixaram Gaza e depois a cercaram com muros terrestres e marítimos que transformaram o território na maior prisão a céu aberto do mundo, Israel bombardeia rotineiramente os palestinos que vivem lá. Cada vez que há um bombardeio, um pior do que o outro, o governo dos Estados Unidos dá total apoio a Israel e o reequipa durante o bombardeio. Os pedidos de cessar-fogo foram bloqueados por Washington no Conselho de Segurança da ONU desde o destrutivo bombardeio de Gaza chamado Operação Chumbo Fundido (2008-09). Desta vez, na hora certa, os Estados Unidos deram apoio diplomático a Israel, com o presidente americano Joe Biden indo a Tel Aviv e com os Estados Unidos chegando ao ponto de adotar uma mentira flagrante de que Israel não bombardeou o Hospital Árabe al-Ahli na Cidade de Gaza em 17 de outubro. Antes de Biden chegar a Israel, os Estados Unidos enviaram dois grandes grupos de batalha naval para o leste do Mediterrâneo – dois porta-aviões, o USS Dwight D. Eisenhower e o USS Gerald Ford, com suas embarcações de apoio em dois grupos de ataque. Desde então, os EUA transferiram sistemas de defesa antimísseis para a região para fortalecer as forças armadas israelenses. O deslocamento dessas forças vem acompanhado de bilhões de dólares gastos anualmente pelos EUA para armar Israel, incluindo 15 bilhões de dólares em assistência militar extra durante esse período recente. Essas guerras não são apenas as guerras de Israel. São as guerras de Israel e dos Estados Unidos, com seus aliados ocidentais a reboque.

**Gaza se transformará em Mosul**

Enquanto isso, os Estados Unidos enviaram oficiais militares de alto escalão para trabalhar em estreita colaboração com os generais israelenses. Um desses oficiais é o tenente-general de três estrelas da Marinha, James Glynn, que foi [enviado](https://www.nytimes.com/2023/10/23/us/politics/israel-us-gaza-invasion.html) para “ajudar os israelenses com os desafios de lutar em uma guerra urbana”. Glynn e outros estão na cadeia de comando militar israelense não para tomar decisões por Israel, mas para auxiliá-los. Glynn fez parte da Operação Inherent Resolve dos EUA contra o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) nos anos que se seguiram a 2014, quando os Estados Unidos bombardearam Mosul e Raqqa (Iraque) para expulsar o ISIS dessas cidades. Como que para ressaltar a experiência de Glynn em Mosul e Raqqa, o secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, disse ao ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, que ele próprio havia participado da Operação Inherent Resolve em 2016-2017, quando Austin chefiava o Comando Central dos EUA. Os comentários de Austin e o destacamento de Glynn para Israel são uma antecipação da guerra terrestre que se espera contra Gaza. “A primeira coisa que todos devem saber”, [disse Austin](https://www.youtube.com/watch?v=XxtXjuWtU98) à ***ABC News***, “e acho que todos sabem, é que o combate urbano é extremamente difícil”.

De fato, o comentário de Austin sobre a dificuldade do combate urbano, especialmente tendo em mente as experiências de Mosul e Raqqa, é apropriado. Em 2017, a ***Associated Press*** (AP) [informou](https://apnews.com/article/middle-east-only-on-ap-islamic-state-group-bbea7094fb954838a2fdc11278d65460) que o ataque dos EUA a Mosul havia causado entre 9 mil e 11 mil mortes de civis. Pouquíssimas pessoas se lembram da brutalidade daquela guerra e o número de civis mortos quase não é lembrado. Se Mossul é o exemplo que os Estados Unidos e Israel têm diante de si para a guerra terrestre que ocorrerá em Gaza, há algumas diferenças que devem ser levadas em conta. O ISIS teve apenas dois anos para cavar suas defesas, enquanto as facções palestinas vêm se preparando para essa eventualidade desde pelo menos 2005 e, portanto, estão mais bem preparadas para lutar contra o exército israelense em uma rua em ruínas após a outra. De acordo com todos os relatos, o moral das facções palestinas é muito maior do que o do exército israelense, o que significa que as facções palestinas lutarão com muito mais força e com muito menos a perder do que o ISIS (cujos combatentes escaparam da cidade e fugiram para o interior).

Tanto em Mosul quanto em Raqqa, quando o bombardeio aéreo dos EUA começou, dezenas de milhares de civis fugiram das cidades para o campo, juntamente com alguns combatentes do ISIS, para esperar que a destruição começasse e depois terminasse. Se eles tivessem permanecido em Mosul e Raqqa, o número de vítimas civis teria sido o dobro do relatado pela AP. A população de Mosul era de apenas 1,6 milhão, menor do que os 2,3 milhões de habitantes de Gaza – portanto, o número de vítimas civis teria de ser ajustado para cima. Os palestinos em Gaza estão encurralados e não podem fugir para o campo, ao contrário dos residentes de Mosul e Raqqa. Eles não podem ir a lugar algum enquanto os tanques israelenses entram em Gaza com seus canhões em pleno fogo. As mortes de civis em Gaza, que já são escandalosamente altas devido ao bombardeio descontrolado de Israel, serão inimagináveis durante essa guerra terrestre que começou em 27 de outubro. Gaza, que já é uma ruína, será reduzida a um cemitério.